



“A Embrapa jamais
será ideológica.
A empresa é plural, assim
como o Brasil”

PEDRO ARRAES ASSUME A EMBRAPA E ELEGE TRÊS PROGRAMAS
COMO PRIORIDADE DE PESQUISA: O COMBATE AO FUNGO DA FERRUGEM
DA SOJA, NOVAS ALTERNATIVAS DE MATÉRIA-PRIMA PARA ADUBO E
RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS

Texto LUCIANA FRANCO • Fotos FABIO TAVARES

NA EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA desde 1976, Pedro Arraes teve uma visão privilegiada do crescimento da empresa. Como pesquisador, trabalhou na área de microbiologia de solo e teve uma formação - que ele mesmo considera - eclética. Afinal, depois de ingressar na unidade Arroz e Feijão, foi, em 1983, fazer mestrado em melhoramento e genética de plantas em Wisconsin, nos Estados Unidos. Lá ele também concluiu o doutorado e participou da equipe que fez o mapa genético do feijão. De volta ao Brasil montou um dos primeiros laboratórios em genética molecular da empresa.

Arraes acaba de ser nomeado diretor-presidente da Embrapa. Escolhido para o cargo por atender requisitos de excelência acadêmica e por sua experiência em gestão na unidade Arroz e Feijão, Arraes se mostra preocupado em como vai ampliar a eficiência da instituição nos próximos 20 anos. Ele contou à revista quais são as prioridades de sua gestão para atingir este fim.

Globo Rural— *O que os senhor acha prioritário em termos de pesquisa no Brasil?*

Pedro Arraes - A Embrapa é uma empresa muito consolidada e se parece com um transatlântico. Portanto, se você faz uma mudança aqui somente 500 quilômetros adiante é que você vai enxergar um novo rumo. Acredito que não é bom mudar muito, senão o transatlântico acaba afundando. Então vamos manter o portfólio de pesquisa que temos, mas existem algumas áreas que tenho colocado como muito importantes.

GR - Quais são essas áreas?

Pedro - Queremos recuperar terras degradadas. Ainda há muita coisa a ser feita, como, por exemplo, elaborar indicadores de sustentabilidade que mostram quando uma área está ou não degradada. Uma pastagem degradada não fixa nada de carbono. Existem 23 centros da Embrapa envolvidos com projetos nessa área nos diversos biomas. Cerca de 2 milhões de hectares foram recuperados recentemente. As ações brasileiras precisam ainda atender à questão da Conferência de Copenhague (*conferência mundial sobre mudanças climáticas que será realizada em dezembro para discutir o tratado que substituirá o Protocolo de Quioto*). Vamos levar a questão do carbono para a conferência. Porque alguém tem de pagar essa conta. Se dizem para não botarmos fogo, não vamos botar, mas há um custo. Podemos adotar as práticas sustentáveis, mas elas têm um preço.

GR — *Quais outros segmentos o senhor considera importante?*

Pedro - A questão dos insumos. A Embrapa não tem papel nenhum na questão de exploração, não é nosso papel produzir plantas que absorvam com maior eficiência utilizando fontes não convencionais para fertilizantes, e acho que essa é uma área importante a que não prestamos atenção. Nós prestamos atenção na fixação de nitrogênio na soja, o que é um sucesso, mas existem vários outros estudos na questão do fósforo e na questão do potássio que precisamos pensar mais. São exemplos de insumos e fertilizantes, mas há toda a área de defensivos que tende a caminhar na questão de procura de elementos mais biológicos, menos químicos. Estamos entrando na era da biologia e saindo da era química. A Embrapa também que entrar nessa área biológica.

GR — *Existem pesquisas na área de biodiversidade?*

Pedro — Sim. Descobrimos moléculas de biodiversidade da Amazônia, por exemplo, que podem ter efeito de herbicida ou no controle de pragas e doenças. Uma doença que eu tenho colocado como importante é o controle da ferrugem da soja. Temos um portfólio bastante interessante de projetos nessa área, da parte molecular do fungo e da planta à métodos de detecção para a aplicação do fungicida na hora mais correta. Essa doença causa um prejuízo de cerca de 2,8 bilhões de reais por ano. Então esse

Anúncio

NEM TODO MUNDO TEM ORGULHO DE SER RURAL PRETENDEMOS CRIAR UMA CAMPANHA DE VALORIZAÇÃO DO CAMPO, DIZ ARRAES

tema merece uma avaliação a fim de detectar os gargalos na área de pesquisa.

CR — O senhor *também pretende avançar na pesquisa de novas matérias-primas para adubo. Que materiais seriam esses?*

Pedro — Temos o xisto e o gesso. O gesso é antigo e pouca gente usa, mas ele é muito bom para aprofundar o calcário no solo e pode voltar a ser usado. Outra coisa é a terra preta dos índios. Tem um grupo da Embrapa trabalhando com eles para ver se a gente consegue fazer a terra preta por meio do carvão. Em uma primeira etapa esse insumo poderia ser ofertado para a horticultura. É uma alternativa de longo prazo, mas muito boa.

CR - *A Embrapa que estabelecer parcerias com as cooperativas. Como elas serão?*

Pedro - Nós queremos parceria com os setores que representam os produtores rurais. Existem três instituições que entendo são os pilares de sustentação da Embrapa: a Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, que representa os trabalhadores rurais, a CNA - Confederação Nacional da Agricultura, que representa os produtores rurais, e as cooperativas, que representam os produtores associados. A Embrapa não tem de ter capilaridade, pois pesquisa é concentração, mas a gente pode atuar por meio desses pilares. A idéia é que a Embrapa esteja inserida nessas instituições porque essa é a maneira mais fácil de a gente chegar ao campo.

GR - *O senhor pode dar um exemplo de como essa parceria pode funcionar?*

Pedro - Olha só, nem todo mundo tem orgulho de ser rural. As cidades acham o rural atrasado. O personagem do Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, retratava bem esse atraso. Então quem sabe a Embrapa, com o nome que ela criou e com a competência que ela tem - juntamente com as instituições -, possa criar uma grande



“
Estamos entrando
na era da biologia e
saindo da era química.
A Embrapa também
quer entrar nessa área
biológica”

campanha de valorização do que é rural. Mostrar para as pessoas do campo que a qualidade de vida das pessoas da cidade depende do rural.

GR - *Mas de uma forma ou de outra as tecnologias produzidas na Embrapa chegam ao pequeno produtor, certo?*

Pedro — Chegam, mas a gente tem de ter cuidado. A Embrapa tem uma imagem muito boa, e essa imagem facilita muita coisa, mas ela também tem seu lado negativo. A Embrapa é meio como o Sol. Ao meio-dia no Cerrado, o sujeito torra. E o mesmo que ocorre com a Embrapa. Ela tem de tomar cuidado para que essa imagem tão forte não enfraqueça outras instituições. A Embrapa chega ao produtor, mas há necessidade de uma extensão forte no Brasil. Coordenamos o sistema nacional de pesquisa e temos de aprender a valorizar nossos

parceiros, como o IAC - Instituto Agrônomo de Campinas, que fez muito pelo café e pela cana.

GR — *É o pequeno agricultor o mais carente dessa extensão?*

Pedro - A gente tem de começar a falar no Brasil de agricultura, independente de tamanho. Existem, por exemplo, pequenos produtores de arroz em Santa Catarina que são altamente tecnificados e produzem 12 toneladas por hectare, índice mais alto do país. No entanto, eles são pequenos. Pode-se também ter um hectare de cogumelo que talvez dê mais renda que 500 hectares de soja. É necessário cuidado com essa coisa de pequeno, médio e grande. Outra coisa importante é tirar a ideologia da discussão. A Embrapa jamais tem de ser ideológica. A Embrapa é plural. O Brasil é plural.

GR - *A Embrapa já exporta tecnologia. Nesta linha, quais são os planos para os próximos anos?*

Pedro — A empresa mantém duas estruturas de funcionamento internacional. Uma sob a forma de Labex, um laboratório virtual, sem estrutura física. Nos Estados Unidos, o Labex fica dentro do ARS - Agricultural Research Service, instituto de pesquisa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Temos pesquisadores atuando em etanol, no vírus H1N1 em animais e na área florestal. Na Europa também temos pesquisadores que trabalham em biotecnologia avançada. Nosso objetivo é atuar em áreas estratégicas.

GR — *Qual é a outra maneira de operar no mercado externo?*

Pedro - Por meio de escritórios. Temos um na Venezuela. E possivelmente vamos montar um na América Central. Cada um tem um controle totalmente diferente. Na Venezuela, por exemplo, estamos com as construtoras que estão fazendo cidades, onde entra o componente agrícola.